

não colonizar-se: os anarquismos na Bolívia

LUÍZA UEHARA

Carlos Crespo (org.). *Anarquismo en Bolivia: ayer y hoy*. Cochabamba, CESU-UMSS, 2016, pp. 190.

A forte presença anarquista na América do Sul por vezes é entendida restrita ao Brasil, Uruguai, Argentina e Chile. Nas últimas décadas, destaca-se também a Venezuela, principalmente por conta da circulação do periódico *El Libertário*, editado desde 1995 com trabalho de relevância em toda a América Latina.

Anarquismo en Bolivia: ayer y hoy escancara um questionamento a essa possível leitura reducionista e convida os interessados a acompanhar as apresentações no grupo de trabalho homônimo ocorrido no interior do VII Congresso da Associação de Estudos Bolivianos (AEB), coordenado por Carlos Crespo e Virginia Ayllón em julho de 2015.

O livro, lançado pelo Centro de Estudos Superiores Universitários da Universidad Mayor de San Simón e organizado por Crespo, está disponível em formato impresso e digital, percorrendo a hierarquizada e monitorada internet em meio a seus servidores e provedores.

Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol e doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: luiza.uehara@gmail.com.

Anarquismo en Bolivia: ayer y hoy pode surpreender em uma caixa de entrada, em um resultado de busca, ou no registro de vídeo divulgado em seu lançamento. É um pequeno vírus inesperado pelos softwares de segurança, por seus moderadores e pelos inúmeros protocolos, mas presente aos atentos às forças em luta.

Os anarquismos na Bolívia irrompem na universidade sem a pretensão de instituir a verdadeira história, mas travam suas lutas em outros espaços. O livro não se delimita às fronteiras e nos apresenta diferentes leituras dos anarquismos hoje.

Virgínia Ayllon, uma das organizadoras do grupo de trabalho, destaca que até então os estudos que tangenciavam as práticas anarquistas no país voltavam-se principalmente às mulheres e à Federación Obrera Feminina (FOF), desdobramento da Federación Obrera Local (FOL), com sedes em Cochabamba e La Paz. A FOF foi uma organização de trabalhadoras domésticas de procedência indígena, combativa entre as décadas de 1920 e 1930. Suas integrantes, anarquistas, recusaram-se ao “feminismo formal” (p. 9), e articularam campanhas contra a guerra com o Paraguai (1932-1935) — conhecida também como Guerra do Chaco, ocorrida nessa região de bacias sedimentares recheadas de petróleo —, solidariedade a Sacco e Vanzetti e apoio às revoltas indígenas.

Silvia Rivera Cusicanqui, anarquista, integrante do Colectivx Ch’ixi (articulação da FOL, FOF e Federación Agraria Departamental) e pesquisadora de história oral, sinaliza para a presença anarquista das *cholas*, mulheres aimarás, conhecidas por sua presença nas cidades com seus trajes coloridos e longas saias rodadas. Ao final da

década de 1930, as *chololas* foram a um encontro de senhoras feministas da FOF e vestiram-se com suas melhores roupas: mantas bordadas, sombreros, botas e colares de prata ou ouro protegidos por uma lã de vicunha... As damas da FOF ficaram surpresas e desmereceram as lutas das *chololas* por melhores condições de trabalho. Para Cusicanqui, a maneira de vestir-se das *chololas* anarquistas escancarava o confronto com suas adversárias liberais. Os metais preciosos protegidos por uma leve lã configuravam uma vestimenta de luta e uma proteção do corpo aos interesses dos colonizadores que, como acreditavam os andinos, comiam ouro por tamanha obsessão que tinham.

As *chololas* anarquistas iam a manifestações, aproveitavam-se da visão imperante de que eram resquícios não colonizados para jogar água com sabão pelas ruas quando a cavalaria aproximava-se, derrubando os cavalos e seus domadores. Assim, Cusicanqui sublinha a urgência no presente dos anarquismos na Bolívia em estancar o discurso de descolonização institucional, quando urgente é descolonizar-se. Em vez de esperar que alguém ou algum momento seja um marco de descolonização, o que não acontecerá, instiga a romper com qualquer ato que os coloniza cotidianamente, como o Estado. É preciso autogestionar as associações e não esperar que alguém as tutele.

Descolonizar-se é ter atenção às tentativas de categorizar e delimitar anarquistas, entre as quais as sorrateiras apropriações de termos. Em um dos textos, o colonizado pesquisador Huascar Rodriguez García aborda os anarcocapitalistas enquanto continuidade dos anarquistas a partir da vida em luta de Cesáreo Capriles, que se deslocou de empresário na década de 1940 para

a anarquia. O termo anarcocapitalismo é procedente da Escola de Chicago, que teve como uma de suas referências o austríaco neoliberal Ludwig von Mises. Enquadrar anarquistas enquanto neoliberais é desconhecer suas lutas em uma tentativa de capturá-los e/ou pacificá-los. A racionalidade neoliberal tenta se apropriar até mesmo de práticas anarquistas enquanto uma reivindicação por menor intervenção do Estado, quando se trata de abolir o Estado. O anarcocapitalismo é um roubo, uma apropriação; como qualquer colonização, pretende acabar com os anarquistas, com sua luta contra o Estado e contra as autoridades centralizadas.

O anarquista Cesáreo Capriles foi um leitor do descolonizado Étienne de la Boétie. Quando deslocou-se dos negócios para a anarquia, manteve o periódico *Arte y trabajo*, onde publicava seus textos, Kropotkin, Malatesta e as defesas aos anarquistas expulsos do país, como Dino Modotti.

Dino Modotti estava entre os integrantes do COCA (Comité Obrero Comunista y Anarquista), que articulou em Cochabamba os interessados em dar um fim à Guerra do Chaco. Modotti foi um dos que passou a ser perseguido pela OVRA (Organizzazione per la Vigilanza e la Repressione del Antifascismo), a polícia secreta de Benito Mussolini que caçava italianos contrários a seu regime pela América Latina. Durante a guerra, a embaixada italiana conseguiu capturá-lo por meio de parceira com o ministério de guerra boliviano. Foi preso, e teve de assinar um documento em que afirmava não ser anarquista e apoiava o governo fascista. Teve uma vida miserável e marcada por constantes perseguições da

OVRA e do governo boliviano. Não suportou. Suicidou-se com um disparo de revólver em sua boca aos 50 anos.

Mesmo diante das perseguições, inúmeras associações articularam-se em La Paz e Cochabamba. A partir de considerações de Colin Ward, Paul Goodman e Daniel Colson, Crespo, organizador do livro, destaca a importância de associações anarquistas e a autogestão, entendida como uma *ação direta* para “tomar sua vida em suas mãos” (p. 166). Crespo discute as possibilidades da autogestão associada à autonomia neoliberal apresentada por Richard Sennet. Se as colocações de Colin Ward tratavam da autonomia para novas relações de liberdade, Sennet mostra como a autonomia está articulada com a flexibilização da burocracia com uma conduta enquanto autogoverno para uma obediência racional. Um ser autônomo respeita e aprecia a *nova cultura do capitalismo*, em que a própria autonomia está vinculada às tecnologias de poder. Ao não se distanciar das proposições de Sennet, Crespo ainda apresenta uma cartilha com fundamentos e/ou princípios para a existência de uma autogestão; entre eles, encontra-se a resiliência, enquanto uma adaptação das organizações às adversidades: “uma prática autônoma, ao ser flexível, é altamente resiliente, pois é capaz de se adequar às modificações das condições externas” (p. 168). Ou seja, o resiliente é um indivíduo autônomo adaptável. Ligando-se à adequação e às modulações, a resiliência não é intransigente, mas negocia. Fazer acordos não é lutar, mas é performar a racionalidade neoliberal como via de pacificação das lutas anarquistas. Ser resiliente é aceitar o governo, afirmar uma autoridade centralizada, acovardar-se, ser plástico, empreendedor, colonizado. Resiliência não é resistência!

Não colonizar-se: os anarquismos na Bolívia

Anarquismo en Bolivia: ayer y hoy é um livro que atenta para a Bolívia e inúmeras lutas que se realizam ali, e, simultaneamente, sinaliza para inúmeras capturas da anarquia. É preciso atenção às novas configurações das forças, não curvar-se e permanecer inquieto para não querer colonizar como um atualizado colonizador. Se o livro é ambíguo, a anarquia não é.